

**Revista A Estrella (1906-1921):
Meninas e mulheres e contracenam em um álbum de virtudes e modelos**

Luciana Andrade de Almeida *

Resumo: A Estrella foi uma revista editada por mulheres e escrita por centenas de colaboradores de ambos os sexos, entre 1906 e 1921. Feito alcançado por mãe e filha, Francisca e Antonieta Clotilde, ambas professoras e escritoras residentes no interior do Ceará. O impresso incorporou, a partir de 1910, fotografias de leitores/as, escritores/as e famílias vinculadas à publicação. O material iconográfico analisado ilumina imagens de meninas e mulheres, revelando práticas sociais e laços afetivos, além de se associar a conceitos cultivados e propagados pelas editoras, como Religião e Civismo. A Estrella contribui para o entendimento em torno de possíveis identidades e papéis femininos, registrando a mulher como mãe e esposa – mas também como inteligente e colaboradora, valorizando aspectos intelectuais e artísticos femininos.

Palavras-chave: imprensa feminina, iconografia, práticas sociais

Abstract: 'A Estrella' was a magazine edited by women and written by hundreds of collaborators from both sexes, between 1906 and 1921. This was achieved by mother and daughter, Francisca and Antonieta Clotilde, both were teachers and writers residing in the state of Ceará. In 1910, the magazine began incorporating photographs from readers, writers and families linked to it. The iconographic material analyzed shows images of girls and women, reveals social conducts and affective relationships, besides dealing with concepts cultivated and propagated by the editors, such as religion and civic duty. 'A Estrella' contributes for the better understanding concerning possible identities and female roles, portraying women as mothers and wives - but also as intelligent and cooperative, valuing intellectual and artistic female aspects.

Keywords: women's press, iconography, social practices

Para contar esta história, não recorri aos baús ou arcas de lembranças privadas, repletos daqueles “mil nadas” de que fala Michelle Perrot. Tampouco encontrei referências nos livros de história ou nas biografias de mulheres célebres. Francisca Clotilde (1862-1935) é mulher de sinuosos caminhos, recuperados aos poucos e não completamente desvendados.

O mais instigante é que os indícios legados por ela são quase todos públicos. Sinal de que era uma mulher que se apresentava no espaço urbano, na cidade que acolhe e segrega as mulheres. A essência de seu pensamento se deixou registrar em panfletos, almanaques, brochuras, revistas, jornais e nos livros que publicou, concretizando em mais de cinco décadas

* Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisa orientada pela professora doutora Adelaide Maria Gonçalves Pereira e financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap).

um largo programa de vária escrita. A imprensa era seu lugar, no Ceará que via mais de uma centena de jornais circulando e agremiações culturais e literárias que surgiam no século XIX.

Uma das filhas da professora e escritora Francisca Clotilde crescera mirando esta referência feminina. Antonieta Clotilde acompanhou a trajetória da mãe, que a criou junto com seus irmãos praticamente sozinha. Os modestos proventos garantidos nas aulas, na escola e em alguns textos e colaborações, sustentavam a família, que percorria o interior cearense em busca de uma tranqüila morada.

Era 28 de outubro de 1906, em Baturité, a penúltima parada das Clotildes antes de chegarem a Aracati, após deixarem a capital, Fortaleza. Antonieta e a prima Carmem Taumaturgo, meninas que brincavam de ser beletistas, iniciavam uma despreziosa publicação, a partir de um concurso de caligrafia. A revista literária, que iniciava portanto como um exercício em papel almaço, chegou a durar quinze anos e transformou-se em uma publicação de referência em todo o País.

As páginas, que passaram a ser impressas em bom papel, registram uma estreita relação com os valores familiares, a religião, as leituras prescritas e a escola – Francisca Clotilde fundara o Externato Santa Clotilde, ao chegar em Aracati. Uma ampla rede de assinantes e colaboradores se estende por vários lugares do Brasil, congregando centenas homens e mulheres em um projeto que, ao mesmo tempo, incentivava o beletismo entre a mocidade e referendava a literatura de talentosos escritores e escritoras. Revista de mãe e filha, que se vinculava afetivamente a seus leitores, por meio de retratos, dedicatórias e gentilezas. *A Estrella* inaugura um novo tipo de procedimento no meio impresso. Diferença que ganhava ainda mais relevo em um meio intelectual acanhado, na revista feita por uma professora-literata e uma literata-professora que conquistavam a palavra e se reconheciam na escrita.

O crescimento de um novo público leitor infantil¹, ocasionado em parte pela expansão da educação primária, estimula a existência da publicação, repercutindo no movimento editorial da região. *A Estrella* revelava uma possibilidade de leitura para além dos livros didáticos, incorporando ao repertório de crianças e da mocidade a leitura amena na forma de poema, teatro, crônica, conto e textos bíblicos, entrando em contato com os conteúdos autorizados pela boa moral.

Quando Clotilde e seus filhos chegaram ao Aracati, em 1908, a revista contava cinquenta e seis edições (STUDART, 1910: 280). Era impressa em folha quase transparente,

¹ Sobre características de publicações voltadas ao leitor infantil, é interessante consultar LYONS, 1999.

de baixa gramatura, por ser mais em conta. Já a partir de 1910, notam-se substanciais mudanças gráficas, a começar da capa colorida em papel acetinado. Uma larga variedade de chichês, com flores, delicados tipos, vinhetas decorativas e fotografias eram acabamentos de grande valor. A iniciativa ganhava adesão de colaboradores que encamparam o projeto.

As capas, até 1910, traziam um soneto de Francisca Clotilde, intercalados anos depois com imagens de mulheres e, principalmente, de crianças. Eram fotos acompanhadas de um perfil, no qual a “mimosa” criança “dizia” quem eram seus pais, a cidade onde vivia, seus sonhos. As imagens de mulher, por sua vez, vinham com referências a seu nome e de seu esposo, sendo comum a presença de versinhos ao lado.

O programa do mensário era abrangente e seguido à risca por todos os que contribuía com textos e fotografias. Consistia em “ateiar nos corações juvenis a sentelha do bem que dimana da Religião, despertar o amor pelo estudo, exaltar as glórias da Patria (...), consagrar o maior esforço á propagação das idéas regeneradoras”².

As colaboradoras, entre 15 e 25 anos, em média, difundiam a moral e a fé cristãs, prescrevendo comportamentos. Algumas atitudes mereciam acentuadas críticas, expressando uma nítida oposição ao que representava virtude. A se ver no texto *Decotes – para quem ama esta moda*, que traz o consumo e a moda como *leitmotiv*. Rauphans é o pseudônimo a ocultar o autor de Mossoró, Rio Grande do Norte, que abre “campanha contra os afetados decotes” e se atribui a função de fazer um proselitismo de fundo moralista.

Arvorando-me em moralista, e com isto me ufanando, torno-me temerário, lançando mão da pena para rabiscar mui ligeiramente uma meia dúzia de linhas, sobre esta moda que se diz “chic”.

Compenetrando-me da minha posição de admirador da boa moral, venho por meio das brilhantes páginas desta ilustradíssima revista, firme e resoluto, abrir campanha contra os afetados decotes, os quais poluem a cândida e radiosa face do Cristianismo. (...)

*Um dos assuntos que tem preocupado os talentosos jornalistas e críticos católicos é: - a guerra contra o exagero da moda.*³

A mensagem dirige-se ao público feminino e coloca as individualidades, a beleza e a leitura em oposição à virtude, à humildade, ao trajar simples. O recato, a pureza e a castidade são as qualidades exigidas por excelência à mulher católica, para que ela não se corrompa pelas imagens de revistas convencionais.

Já o colaborador Carvalho Nogueira ressalta que a mulher representa “o conjunto das mais excelentes qualidades, dos mais invejáveis dons que a distinguem”, mostrando que as

² *A Estrella*, Aracati, outubro de 1909, n. 82, p. 1.

³ RAUPHANS. *Decotes – para quem ama esta moda*. *A Estrella*, Aracati, janeiro de 1921, p. 15-6.

páginas da história não a retratam “como escrava do homem, submissa, obediente e servil, como é, às vezes brusco pensar de algum pretencioso”.

No lar, na família e na sociedade, ela deve representar um papel importantíssimo que imponha ao mundo reconhecê-las como é, elevada acima de todos os seres. (...)

Como esposa, faz parte de nós mesmos, é um segundo eu para cujo amor devem convergir da nossa parte as mais pequenas fibras de nosso íntimo, porque ela é uma companheira certa e infalível, em todas as contingências porque passamos⁴.

Fortalecidas e confiantes, as mulheres d’*A Estrella*, especialmente as Clotildes, teciam habilmente uma ampla rede de leitores, colaboradores, propagandistas e assinantes de ambos os sexos que se congregavam em cada texto. Aproximava-se de uma publicação literária, a julgar pelo conjunto de literatas e literatos envolvidos. Entre a goiana Cora Coralina e a cearense Serafina Pontes, que fora “amadrinhada” por Francisca Clotilde desde o início de sua trajetória, as mulheres predominavam. Algumas eram moças como Nehyse, que acreditam que a publicação “trescala a inocência e candidez das boninas que abroham a hora crepuscular” e a recomendam, “porque reflete o encanto dulcíssimo do bem e faz vibrar nos corações a nota dos castos affectos, dos affectos mais puros e santos”. Uma publicação cujo “influxo de seu clarão abençoado”⁵ rende preciosas inspirações.

O ano de 1910 também é o marco que assinala o momento em que leitores, escritores e colaboradores passam a figurar de outra forma na publicação – através de sua imagem. O uso da fotografia passou a ser constante, evidência da modernização gráfica. Os retratos ocupavam a capa e diversas páginas, propondo uma nova dinâmica de leitura na revista. As páginas não traziam amostras do espaço urbano ou imagens de objetos inanimados. *A Estrella* primava por apresentar pessoas que possuíam vínculo afetivo com a publicação, entre colaboradores, propagandistas, leitores e seus familiares.

O material iconográfico analisado encontra correspondência nas bases ideológicas presentes n’*A Estrella*. Contém boa mostra de memórias de familiares, costumes, gostos da época, laços afetivos, vestuário e mobília, foi organizado em três grupos: mulheres, crianças e homens. Um parâmetro que orienta a leitura dos retratos é a reflexão sobre sua intencionalidade e os caminhos percorridos pela fotografia, apontados por Boris Kossoy: “as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que

⁴ A MULHER. *A Estrella*, Aracati, março de 1918, p. 16.

⁵ NEYSE. De coração a coração. *A Estrella*, Aracati, abril de 1916, n. 153, p. 7.

despertou, os porta-retratos que a emolduram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram” (KOSSOY, 2001: 45).

Eram crianças e mulheres os retratados mais constantes. As imagens traduziam a visibilidade e o protagonismo proporcionados às mulheres pela revista, de vários lugares, até então reclusas ao lar, sem rosto, encobertas pelo marido. O projeto redatorial construído pela *Estrella* pavimentava, mesmo que de forma involuntária, um caminho de maior projeção feminina na sociedade. Ao apresentar corpos e semblantes de mulheres em sua diversidade, sempre em vestimentas e penteados recatados, a publicação contribuía para o entendimento em torno de possíveis identidades e papéis femininos. Para *A Estrella*, a mulher não era somente mãe e esposa – surgia independente, autônoma, sozinha, feminina, adjetivada como “inteligente” e “colaboradora”, prevalecendo em suas características intelectuais. O ponto inicial de todas as fotografias é o desejo do indivíduo se fazer retratar.

A indumentária e os adereços das mulheres chamam a atenção por serem predominantemente brancos. Este efeito, combinado ao contraste em relação ao fundo escuro do cenário, direcionava o olhar para a protagonista feminina e trazia um resultado intimista e introspectivo. É o caso do retrato da colaboradora Emília de Freitas, de Mossoró. Ela se apóia em um móvel que se assemelha a um púlpito, lugar da oratória. É apresentada como cultora das letras, colaboradora e propagandista – características comuns a quase todos os escolhidos para figurar n’*A Estrella*. Emília é apresentada como “mademoiselle”, francesismo que reforça o ar de distinção.



Figura 1 - "A gentil cultora das letras, Melle. Emilia de Freitas, distinctissima collaboradora e propagandista da 'Estrella' em Mossoró" (Outubro de 1915, p.15.)

Angelita Clotilde, irmã de Antonieta, também ganha a honra de aparecer em página da revista. Fotografada de corpo inteiro, aparece em um espaço que pode ser um palco, com fartas cortinas logo atrás. Participaria ela das dramatizações de peças, monólogos e diálogos, seguindo a tradição das Clotildes. Sua vestimenta, clara e elegante, ganha o complemento do moderno relógio de pulso e do leque.



Figura 2 - "Tributo de caricial afeição á Srta. Angelita Clotilde, querida e gentilissima irmã da Redactora da <<Estrella>>" (Outubro de 1915, p.55); "Penhor de affectuosa sympathia da 'Estrella' á gentil fortalexiense Senhorita Alzira Pacheco" (Outubro de 1916, p. 11)

O leque era elemento indispensável. Muitas mulheres apareciam portando este objeto, exibindo-o nas fotos como signo de elegância. Nada de “pintura, nem de caracterizações, pois a natureza lhe prodigalizou os seus melhores dons. Apareça, portanto, como Deus quiz que fosse e não se disfarce”⁶. Detalhe interessante é que o leque e o relógio que compõem a produção de Angelita se assemelham com os acessórios utilizados por outras retratadas. Indício de que podem ser objetos de propriedade do estúdio fotográfico contratado.

E assim, “sem sombra de rouge, nem decote e com a saia... um pouco mais comprida”⁷, as mulheres d’A *Estrella* exaltavam a moderação da forma de se vestir, sempre com roupas e cabelos muito bem compostos e elegantes. Poucas eram as mulheres que se deixavam registrar com roupas mais curtas, que revelassem os tornozelos, como a maranhense Isidora Furtado Muniz. Seu traje, que apresenta chapéu e bolsa, diz do lugar social de quem o porta – é uma mulher que comparece a eventos importantes. A *Estrella* apresenta os distintos modos de se vestir para diferentes ocasiões.

⁶ NENUPHAR. Conselho Médico. *A Estrella*, Aracati, março de 1921, p.5.

⁷ Id., *Ibid.*, p.5.



Figura 3 - "Isidora Furtado Muniz, formosa representante do bello sexo maranhense e gracil propagandista da <<Estrella>>" (Outubro-Novembro-Dezembro de 1920, p.9); "Mme. Alice Pinheiro Dias Moura. Homenagem de sympathia da 'Estrella' á sua bondade inexcedível e gentileza seductora. S. Paulo" (Outubro-Dezembro de 1921, p.4)

Já as mocinhas ousavam ao posar com os laçarotes da moda e braços mais descobertos.



Figura 4 - "Lourdes Gurgel, uma das mais lindas e fulgurantes estrellas que brilham na constellação aracatyense / Rosa Amelia Pontes, flôr aracatyense, envolta na graça irresistivel de sua mocidade sorridente e radiosa" (Outubro-Dezembro de 1920, p.10)

A revista se esforça para sublinhar o rigor da moda, sem fazer elogios à vaidade feminina. As mulheres são cercadas de objetos e adjetivos que acentuam sua aura moral e virtuosa, além de salientarem sua dedicação às letras e ao cultivo da inteligência. Por isso, é de surpreender a ausência de maior número de retratos de mulheres portando livros ou missais. Dulce Dolores, “festejada belettrista” e propagandista d’A *Estrella* em Recife, foi das poucas encontradas posando com um impresso. E, do Amazonas, veio o registro de Maria Amelia Pedrosa, que se deixa fotografar tendo em mãos um livro e papéis.



Figura 5 - "Dulce Dolores - Festejada belletrista e incansável propagandista da <<Estrella>> em Recife" (A Estrella. Outubro de 1914, capa); "Exma. Sra. D. Maria Amelia Pedrosa, uma das mais gracios representantes do bello sexo, na Capital do Amazonas". (Outubro de 1915, p. 51)

Nestes semblantes e atitudes, *A Estrella* enquadra a mulher que ela gostaria de representar. Inteligente, colaboradora e, ao mesmo tempo, um ser dócil, decorativo e agradável. Retratos como cartões de visita, com a própria face estampada e orgulhosamente ostentada. Os exemplares da publicação circulavam junto a pessoas de destaque, entre ambientes escolares, políticos e religiosos, e revelavam qualidades que os retratados gostariam de associar a sua imagem. No entanto, como pode-se ver a seguir, nem sempre a imagem condiz com a legenda adotada. Apesar de “apreciadora das letras”, Gilberta Galvão não é retratada como tal, em um ambiente literário, durante sua atividade de leitura ou mesmo escrevendo. A revista frequentemente se utiliza de artifícios de linguagem para não colocar em risco a imagem das mulheres e reitera seu lugar, como sendo “ornamento” e “da elite”.



Figura 6 - "Gilberta Galvão, um dos ornamentos da elite acaryense e dedicada apreciadora das letras" (Outubro de 1916, p.39)

Outra idéia recorrente na publicação era a valorização da família, que enlaça gerações e também se faz presente n'A *Estrella*. A mulher era inscrita na perspectiva do amor materno.



Figura 7 - "Carmen e Osanira Virgínio (Penedo - Alagôas). Representa esta expressiva photographia o amor materno e a candidez infantil, nimbada de risonha ventura" (Outubro - Dezembro de 1921, p. 19)

No caso das fotografias infantis, aliás, chama atenção a criteriosa escolha dos objetos que irão cercar as crianças. São associados, principalmente, a ícones da Igreja Católica. Neste jogo de intencionalidades contido nas imagens, afirma-se o anseio de estabelecer modelos de comportamento infantil buscados na religião e na educação esmerada. O terço, o crucifixo, o genuflexório, a Bíblia, o missal, o véu, a mantilha que cobre a cabeça e a vestimenta branca da missa são recorrentes na composição dos cenários.



Figura 8 – "A encantadora Maria José Alcides Nogueira, mimosa filhinha do illustre Sr. João Alcides Nogueira, residente em Fortaleza" (Outubro - Novembro - Dezembro de 1916, p.53)

As legendas reiteram o pertencimento das crianças a famílias importantes, além de serem próximas aos colaboradores e colaboradoras da revista. Embora a revista incluísse em seu programa a caridade e o socorro aos pobres, não os apresentava em suas páginas. As crianças em destaque, ao contrário, são bem nascidas, estudiosas e trazem, segundo ela, a semente do beletismo. E, desde pequenas, são exibidas como modelo de virtudes.

Muitas das imagens deviam ser produzidas pelos próprios pais e parentes das crianças, que enviavam as crianças ao fotógrafo. O material era oferecido para a apreciação das redatoras d'A *Estrella*, sempre gratas pela lembrança. As imagens não apenas transmitem os preceitos cultivados pelo impresso como valorizam os vínculos com o leitor, através do uso de diminutivos ou de palavras de distinção. Difundida pela publicação, a foto é testemunho dessas sensibilidades e afetos trocados.

Juarez Galvão Ferreira (Fortaleza)

Como foi gentil, enviando-nos, em lembrança do aniversario da "Estrella", o seu retratinho que, ao lado de sua mimosa e querida irmãzinha Lydia, occupa lugar distinto entre os pequenitos apreciadores da nossa Revista! Olhamo-lo sempre com expressão de affecto (...)

Alice Pinheiro Dias Moura (S. Paulo)

A gentilissima offerta que nos fez de seu expressivo retrato provou mais uma vez a delicadeza de sentimentos que a caracteriza.⁸

As fotografias poderiam representar, ainda, uma homenagem recíproca, entre os leitores e a revista. Eles compartilham datas em fotos que não são casuais e trazem uma marcação social e simbólica. É um calendário da vida, que guarda a primeira comunhão, as datas cívicas, as bodas, a vida escolar. O retrato enviado da pequena Albaniza Nogueira Barbosa, por exemplo, comemora seu primeiro aniversário. “Como uma terna homenagem ao teu primeiro aniversario, a 4 deste, e em retribuição ao gracioso retratinho com que nos distinguiste, enviamo-te um ramilhete de flores, candidas como o teu viver innocente e lindas como (...) teu sorriso”.⁹ Portanto, nem toda a vida é fotografada – o registro é resultado de uma escolha, decidido pela relevância da ocasião.

Os retratos de família estão fundamentalmente ligados aos ritos de passagem – aqueles que marcam uma mudança de situação ou troca de categoria social. São tirados em aniversários, batizados, fim de ano, casamentos e enterros. Os retratos passaram rapidamente a fazer parte desses rituais mais amplos, que marcam a passagem de criança a adulto, de solteiro a casado, de vivo a morto. São registros de momentos sacralizados pela alteração do tempo normal e repetitivo. (...) Nesses

⁸ MENSAGEIRO DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, abril de 1921, p. 8.

⁹ MENSAGEIRO DA ESTRELLA. *A Estrella*, Aracati, março de 1921, p.14.

retratos estão reunidos, mais que na maioria dos outros, o valor do culto e o valor de exibição.(LEITE, 1993: 159)

Os retratos ensaiam nas páginas d'A *Estrella* sua saída do ambiente privado – onde já passava a ocupar as paredes da casa. A apropriação de fotos de família por uma revista ilustrada ou outro veículo público surgia como sinal de distinção no início do século XX.

Os álbuns de família ou as coleções familiares de retratos e postais, que só eram exibidos aos membros e, eventualmente, a amigos ou candidatos a casamento, cederam suas imagens, pelo menos no caso das famílias abastadas, ao espaço público, onde estas legitimavam a sua condição dominante ao serem divulgadas nas revistas.(LEITE, 1993: 18-9)

Diante desses exemplos, percebe-se que as fotografias d'A *Estrella* não eram um ato natural e espontâneo. A composição do espaço, a escolha das vestimentas, os objetos selecionados, a postura corporal forjavam uma preciosa imagem, que será legada à posteridade e irá traduzir os preceitos defendidos pela publicação de uma forma imediata, através do recurso da imagem.

Os registros fotográficos d'A *Estrella* faziam uma crônica da camada dominante da população e apresentam um conjunto heterogêneo de representações femininas, infantis e masculinas, de distintas gerações. Os retratos, gentilmente oferecidos ao periódico, perdem alguma parcela de seu “valor de culto”, ao serem mostrados a pessoas que desconhecem a pessoa fotografada, suas relações familiares e outros dados. Por outro lado, adquirem outros significados, um “valor de exibição” (LEITE, 1993: 178). Seus protagonistas são pessoas que, afinal, autorizam e desejam a exposição pública.

Bibliografia

ALMEIDA, Luciana Andrade de. A *Estrella*: Francisca Clotilde e literatura feminina em revista no Ceará (1906-1921). Coleção Outras Histórias, 45. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado, 2006.

DEL PRIORE, Mary (Org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto; Unesp, 1997.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Retratos de família: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). História da leitura no mundo ocidental. Coleção Múltiplas Escritas. São Paulo: Ática, 1999. v.2.

STUDART, Guilherme, barão de. Dicionario Bio-Bibliographico Cearense. Fortaleza: Typo-lithographia a vapor, 1910. v.1.